

# APONTAMENTOS A RESPEITO DA ESPECIFICIDADE DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA DE CAMPINAS NO CONTEXTO DO QUADRILÁTERO DO AÇÚCAR

*Carlos Eduardo Nicolette<sup>1</sup>*

Mestrando em História Social (FFLCH-USP)

carlos.nicolette@usp.br

*Felipe Rodrigues Alfonso<sup>2</sup>*

Mestre em História Social (FFLCH-USP)

## Resumo

Ao longo da primeira metade do longo século XIX, o parque industrial açucareiro – voltado ao abastecimento do mercado internacional de artigos tropicais – do chamado Quadrilátero do Açúcar<sup>3</sup> passou por um processo de montagem (c. 1790), expansão (c. 1790-1830) e declínio (c. 1830-50). Visto que condicionado por questões não apenas globais, mas também locais, esse processo acabou obviamente por se desenrolar diferentemente em cada vila. A despeito dessas singularidades, porém, estudos recentes das Listas Nominativas de Habitantes (LNH) levaram os autores deste trabalho a aventar a hipótese de que o caso de Campinas poderia ser considerado, de fato, como *sui generis*, e que sua indústria açucareira possuiria especificidades em relação às das demais vilas do Quadrilátero do Açúcar. O presente trabalho é um esforço para lançar apontamentos a respeito dessa hipótese, de modo a não apenas colocá-la à prova como também entender sua natureza.

**Palavras-chave:** Engenhos de açúcar; Vila de Campinas; Especificidade campinense; Vila de Itu; Listas Nominativas de Habitantes.

## Abstract

Throughout the first half of the nineteenth century, the sugar industrial park - aimed at supplying the international market of tropical articles – of the so called *Quadrilátero do Açúcar* went through a process of making (c. 1790), expansion (c. 1790-1830) and decline (c. 1830-50). Insofar as conditioned by matters not only global, but also local, this process have obviously unrolled differently on each village. Despite these singularities, however, recent studies of the *Listas Nominativas de Habitantes* (LNH) led the authors of this work to suggest the hypothesis that the case of Campinas could be considered as indeed *sui generis*, and that its sugar industry would hold specificities in relation to the other villages of the *Quadrilátero do Açúcar*. The present work is an effort to throw some notes on this hypothesis, so as not only to put it to test but also understand its nature.

**Keywords:** Sugar mills; Village of Campinas; Specificity of Campinas; Village of Itu; Nominative lists of inhabitants.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos de Almeida Prado Bacellar.

<sup>2</sup> Mestre em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Rafael de Bivar Marquese.

<sup>3</sup> “Caio Prado Júnior [...] estabelece os marcos limítrofes do ‘quadrilátero do açúcar’ nas cidades de Mogi-Guaçu, Jundiaí, Porto Feliz e Piracicaba, o que também é feito por Ernani Silva Bruno. A esse respeito, [Maria Thereza Schorer] Petrone utiliza a seguinte argumentação: ‘preferimos Sorocaba a Porto Feliz, como um dos pontos formadores do quadrilátero, pois em Sorocaba o cultivo da cana-de-açúcar ainda teve relativa importância e, porque, dessa maneira, Itu importantíssimo centro canavieiro e outras áreas produtoras de açúcar ficam decididamente enquadrados.’” (MOTTA, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 1999, p. 44, nota de rodapé 30.



## **Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso**

### **1. Considerações iniciais**

Para que se pudesse colocar à prova a hipótese da especificidade da indústria açucareira de Campinas no contexto do Quadrilátero do Açúcar, adotou-se como recorte o ano de 1836. A título de comparação, foram analisados também os dados de Itu, que desde as últimas décadas vinha ocupando essa mesma posição de destaque. A escolha por Itu deveu-se ao fato de a vila ter se mantido, por muitas décadas, na posição de centro açucareiro do Centro-Sul. A escolha pelo recenseamento de ambas as vilas referente ao ano de 1836, por sua vez, deveu-se ao fato de a década de 1830 representar o auge do parque industrial açucareiro do Quadrilátero do Açúcar. Assim sendo, a comparação sincrônica entre Campinas e Itu no ano de 1836 buscou responder às seguintes perguntas:

- (i) O que levou Campinas a superar Itu como o grande centro açucareiro do Centro-Sul?
- (ii) Quais os dados produtivos e/ou demográficos que poderiam contribuir para elucidar essa questão?

### **2. Itu e a rápida expansão de seu parque industrial açucareiro**

O restauro administrativo da capitania de São Paulo em 1765 marcou não apenas o início dos recenseamentos e maior controle na administração local, mas também teria resultado em esforços mais efetivos na promoção da indústria açucareira na região do Oeste Paulista. De acordo com Petrone, as iniciativas do capitão general Morgado de Mateus “trazia maior otimismo” para a economia agrícola da região do Oeste Paulista (Petrone, 1968, p. 155).

É nesse quadro histórico que ocorre a formação da região do Oeste Paulista chamada por historiadores de quadrilátero do açúcar<sup>4</sup>. Uma das obras mais importantes sobre o tema foi feita por Maria Thereza Schorer Petrone, *A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)*, trabalho que trouxe para a historiografia diversos eixos de pesquisa na formação da região do quadrilátero do açúcar, a qual a autora afirma ser formada pelos limites das vilas de Sorocaba, Piracicaba, Mogi Guaçu e Jundiaí, possuindo em sua área interna as vilas de Itu e Campinas. O quadrilátero se manteve, segundo ela, como o espaço de economia mais forte de São Paulo no fim do século XVIII.

---

<sup>4</sup> Deve-se ressaltar que na vila de Itu, especialmente, a produção de açúcar em menor escala é anterior a Morgado de Mateus.



## **Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso**

Petrone reitera que a composição da lavoura canavieira dessa região foi essencial para respaldar a melhor organização da malha fundiária de São Paulo e o aprimoramento das estradas para o transporte do artigo até o porto de Santos. Para a autora, foi a “exportação de açúcar [que] deu impulso à vida de São Paulo, modernizando-a e adequando-a para seu novo papel: participar do mercado externo que até então praticamente não era conhecido” (Petrone, 1968, p. 136). É preciso admitir que, apesar da imensa contribuição, Petrone deixa em aberto questões que poderiam ser mais bem exploradas. O primeiro ponto que pode ser levantado é sobre o que levou à excepcionalidade do crescimento da indústria açucareira Campinas em relação ao Oeste Paulista.

No mapa a seguir é possível apontar, na Província de São Paulo, onde estava localizado o quadrilátero do açúcar a que Petrone se refere, delimitado pelo pontilhado azul. Esta é a região que se manteve do fim do século XIX até boa parte do XX como a maior produtora de açúcar de toda a província, sendo em boa parte responsável pela acelerada expansão das exportações de São Paulo para o mercado externo. O mapa trazido por Mont Serrath representa São Paulo no ano de 1799, mas o cenário encontrado 30 anos depois é bem parecido com aquele, visto a produção de açúcar em Itu e Campinas ter continuado a se destacar frente a outros centros produtores.

O crescimento da produção de açúcar no Oeste Paulista, segundo Eni de Mesquita Samara, foi constante durante o século XIX e não é arriscado afirmar que esse produto foi o principal motor do crescimento econômico de São Paulo naquele momento, bem como a “base econômica da região de Itu e que grande parte da população tinha suas atividades vinculadas à produção e comércio desse produto” (Samara, 2005, p. 72).



## Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso

Mapa 1 – Geografia da produção açucareira na capitania de São Paulo (1799)



Fonte: Mont Serrath, 2007, p. 115.

No ano de 1799, a vila de Itu produziu 73.510 arrobas de açúcar, concentrando a maior produção da Província de São Paulo. Percebe-se, segundo Mont Serrath que durante toda a década de 1790, Itu permaneceu no topo da produção açucareira, “dezoito vezes mais do que a segunda maior produtora em 1793, até duas vezes mais em 1799; ao passo que o volume de açúcar das outras vilas ia crescendo, a diferença entre Itu e elas diminuía, todavia não deixava de ser considerável” (Mont Serrath, 2007, p. 116). Em comparação, Campinas produziu, em 1799, apenas 16.800 arrobas, sendo a quarta vila em produção do artigo, atrás de São Sebastião e Porto Feliz. A produção total de açúcar da vila de Itu não irá diminuir entre 1799 e 1836, ao contrário, cresce em produção total. Entretanto, o ritmo de crescimento já não segue o mesmo e entra em constante diminuição ao longo do século XIX.

### 3. Um doce início: o nascimento de Campinas numa região açucareira

Para discutir Campinas especificamente, deve-se salientar que foi fundada como freguesia no ano de 1774, na vila de Jundiaí. O período que o tema deste projeto abarca, 1790-1808, é justamente a transição da então freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas para uma vila independente de Jundiaí, em 1797, sob a



## **Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso**

algunha de São Carlos.<sup>5</sup> Mont Serrath traz à baila que os pedidos dos moradores da freguesia da Nossa Senhora da Conceição de Campinas para a elevação em vila e separação de Jundiaí enfatizaram que a longa distância do centro da vila prejudicaria os donos de engenho da freguesia (Mont Serrath, p. 150). Dessa forma, para o melhor funcionamento e escoamento da produção açucareira requerem a liberdade administrativa de Jundiaí. O documento assinado pelos moradores da freguesia e enviado ao governador da capitania recebeu 44 assinaturas, sendo que todos os senhores de engenho de Campinas<sup>6</sup> assinaram tal pedido.

O historiador Paulo Eduardo Teixeira utiliza fontes seriais e a Demografia Histórica para estudar especificamente a população livre de Campinas entre os anos de 1774 e 1850. Em seu livro procedente de seu doutorado (Teixeira, 2011, p. 40-41), afirma que população livre da vila cresceu de forma contínua desde seu nascimento em 1774, com uma média anual de crescimento de 8,9% até 1798, atingindo 4.1% até 1850, maior do que qualquer outra vila da região (Teixeira, 2004, p. 3). Observando os dados trazidos pelo autor, nota-se que a pirâmide etária da população livre, em 1806, caracterizava-se por ter uma base larga, o que implica, segundo ele, em um número expressivo de crianças até dez anos de idade, existindo um equilíbrio entre todas as faixas etárias, evidenciando a presença de muitos casais com filhos e reforçando a hipótese de que, até aquele momento, Campinas era polo de atração de migrantes. O autor também destaca que a vila teve uma taxa crescente de concentração da mão de obra escrava africana, enquanto em 1774, 73,5% dos escravos estavam em planteis de até 9 indivíduos, em 1794 já eram 64,7% em planteis com 10 ou mais escravos (Teixeira, 2011, p. 44).

Teixeira afirma que esses dados vistos de forma conjunta demonstram não apenas a concentração da mão de obra escrava nos engenhos e a formação de uma elite, mas também que Campinas foi no final do século XIX um espaço fértil para migrantes livres se assentarem e construírem suas roças e fazendas. A pesquisa de Teixeira sobre a população livre não deixa de lado a escravidão, pois a montagem do

---

<sup>5</sup> Segundo Pupo (1963, p. 16), o vigário Joaquim José Gomes, quando, por ocasião do pedido ao governador para a criação da vila, alegou que “a freguesia era habitada por 2.107 pessoas, das quais 688 haviam chegado nos três últimos anos, fato indicativo da forte atração exercida pela produção açucareira”.

<sup>6</sup> Utilizar-se-á apenas o nome Campinas para se referir ao local deste estudo. Entretanto, é relevante salientar que entre os anos de 1797 e 1842 o espaço aqui trabalhado era chamado oficialmente de São Carlos.



## **Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso**

complexo açucareiro foi feita a partir do trabalho africano e entre os anos de 1789 e 1801 o crescimento do número de escravos foi enorme, cerca de 18% ano (Teixeira, 2004, p. 4), fazendo de Campinas um espaço de alta densidade escrava.

Em relação à produtividade dos engenhos campinenses no início do século XIX, Alfonso reitera que a lavoura de alimentos não pode ser subestimada e que mesmo após a montagem do parque industrial açucareiro, Campinas não deixou de consolidar a sua lavoura de mantimentos. Dessa forma, o historiador afirma que “muitos proprietários de maior porte com safras reduzidas dedicavam parte do tempo de trabalho de seus escravos ao cultivo de, sobretudo, milho, feijão e arroz” (Alfonso, 2018, p. 49-50). Alfonso avança nesse sentido e afirma que foi a lavoura de mantimentos uma das responsáveis por manter os senhores de engenho ligados à produção açucareira em períodos de quedas nos preços do artigo. Mont Serrath também debate sobre o assunto, comparando inclusive a produção dos engenhos paulistas aos baianos, sendo que estes últimos tinham uma produção média de cerca de 2.667 arrobas, enquanto os paulistas tinham média de apenas 300 arrobas por engenho (Mont Serrath, 2007, p. 120).

### **4. Apontamentos a respeito da especificidade da indústria açucareira de Campinas**

No intuito de se colocar à prova a hipótese da especificidade da indústria açucareira de Campinas no contexto do Quadrilátero do Açúcar, a análise das três variáveis a seguir tem se mostrado de grande importância.<sup>7</sup> São elas, a: (i) produção de gêneros alimentícios, sobretudo o milho; (ii) produção e exportação de aguardente; (iii) estrutura de posse fundiária.

Embora a produção de açúcar dependa de diversas outras atividades – visto que, na realidade histórica, produção, comercialização e consumo fazem parte de um único processo –, optou-se com concentrar os esforços analíticos nas propriedades ligadas, de alguma maneira, ao cultivo direto de canas. Noutros termos, na “esfera de produção”, por assim dizer. Nessa categoria, incluem-se lavradores de canas, partidistas e senhores de engenho – podendo ser este último próprio, em sociedade, de arrendamento ou a favor de outrem.

---

<sup>7</sup> Vale dizer que outras variáveis poderiam estar sendo consideradas, caso fossem realizados estudos seriais das Listas Nominativas e/ou um cruzamento com os dados de outras fontes.



## **Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso**

Decidiu-se também por estabelecer um recorte de ao menos 30 escravos para as propriedades analisadas. A opção por considerar os maiores proprietários de escravos explica-se pelo interesse em se compreender os produtores ligados ao mercado internacional de artigos tropicais. E, havendo uma relação direta entre a quantidade de braços e a capacidade produtiva de um engenho, assim como entre essa capacidade produtiva e as receitas daquele produtor, tem-se que os maiores proprietários de escravos eram também aqueles com capital líquido suficiente para custear o escoamento de suas produções até o porto de Santos. A cifra de 30 escravos, por sua vez, foi inferida de uma citação de André João Antonil. O jesuíta referia-se aos produtores que, a despeito de sua ausência de capitais, arriscavam-se na construção de engenhocas. Em dado momento, afirma ser preferível lavradores de canas “com trinta ou quarenta escravos de enxada e foice” a um senhores de engenho “tão empenhados com dívidas que na segunda ou terceira [safra] já se declaram perdidos”.<sup>8</sup> Ao que indica a leitura do conteúdo implícito desse trecho, 30 escravos seriam suficientes para que o processo de construção e manutenção de um engenho fosse financeiramente viável.

A primeira variável para a hipótese da especificidade da indústria açucareira de Campinas encontra-se na tese proposta por Luna & Klein (2005). Nas palavras dos autores,

[...] o estabelecimento dessas duas culturas de exportação [açúcar e café,] é apenas uma parte do quadro da mudança ocorrida em São Paulo no período em estudo. A outra parte é a **crecente comercialização no ramo tradicional de gênero alimentícios**, que se expandiu para abastecer a população humana e animal nas fronteiras da capitania e além dela. Nessa produção tradicional empregou-se um **número crescente de escravos africanos**, recém-importados para a capitania. O aumento da produção de víveres proveio das **fazendas produtoras de alimentos** e também das **novas fazendas de café e açúcar**. Sem dúvida, a produção ganhou eficiência crescente nas propriedades maiores, além de complementaridade no emprego de escravos. Era fácil transferir os cativos da produção de açúcar nos períodos ‘mortos’, em que seu trabalho era desnecessário naquela atividade; também as terras sem viabilidade para o plantio da cana-de-açúcar podiam ser usadas no cultivo de víveres (Luna; Klein, 2005, p. 18, grifos nossos).

---

<sup>8</sup> ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Introdução e notas de André Mansuy Diniz Silva. São Paulo: Edusp, 2007 (Documenta Uspiana II), p. 81.



## Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso

De acordo com essa tese, o desenvolvimento das culturas canavieira e cafeeira em São Paulo teria estimulado o crescimento da produção e comercialização de gêneros alimentícios. Dentre os que eram destinados ao consumo da vila e/ou da região, “nenhum foi mais onipresente ou importante do que o milho” (Luna; Klein, 2005, p. 120). Em uma de suas visitas ao Oeste Paulista, o oficial militar alemão Friedrich von Weech chegou a associar a importância do gênero para as zonas temperadas do Brasil à da mandioca para as zonas mais tropicais do país. Parte da produção campineira do milho era consumida domesticamente, enquanto o restante, destinado ao mercado paulista, podendo ser comercializado diretamente ou vendido como ração animal. Neste caso, era costumeiramente dado aos porcos, participando indiretamente da fabricação de toucinho – outro importante produto da província – e às mulas, vitais à rede de transportes.

De acordo com a referida tese, portanto, as economias escravistas das vilas de São Paulo estariam baseadas na relação direta entre açúcar/escravos/alimentos – assim como entre café/escravos/alimentos –, no qual o milho figuraria como o principal gênero alimentício. Seguindo-se a tese à risca, seria esperado que o distrito com a maior produção de açúcar fosse também aquele com a maior produção de milho. Em 1836, a produção campineira de açúcar, café e aguardente – os três principais gêneros de exportação para o mercado internacional de artigos tropicais – foi a maior do Quadrilátero do Açúcar, estando, nos três casos, muito à frente do segundo colocado (**Tabela 1**). Quanto à produção de milho, porém, manteve-se consideravelmente abaixo de Jundiaí e Itu (**Tabela 2**).

**Tabela 1 – Produção de café, açúcar e aguardente. Campinas, Capivari, Itu, Jundiaí, Mogi-Mirim, Piracicaba, Porto Feliz e Sorocaba (1836)**

	Campinas	Capivari	Itu	Jundiaí	Mogi-Mirim	Piracicaba	Porto Feliz	Sorocaba
Café (arr.)	8.081	310	1.052	1.276	610	4.699	990	770
Açúcar (arr.)	158.447	52.193	91.965	11.800	40.520	115.609	73.113	2.930
Aguardente (canadas)	7.399	490	5.071	2.136	2.312	1.078	560	1.556

Fonte: Muller, Quadro 9b.





## Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso

Resta, então, uma dúvida: como explicar, nos termos da tese de Luna & Klein, que o centro açucareiro do Quadrilátero do Açúcar não produzia tanto milho quanto se poderia esperar? Um caminho possível para responder a esse problema encontra-se sobretudo na análise dos valores médios. Apesar de haver poucos produtores dedicados ao cultivo de milho em Campinas, sua média era extremamente alta: 28,9 toneladas/produtor. De fato, a vila também apresenta as maiores escravarias médias por produtor, o que poderia contribuir para explicar esse valor. Contudo, ainda que as escravarias médias por produtor fossem iguais nas cinco vilas, Campinas ainda as superaria na produção média por produtor. Há, pois, outros elementos que devem ter influenciado essa elevada produtividade.

A comparação entre um dado específico presente nas Listas de 1836 de

**Tabela 2 – Características da produção de milho. Jundiaí, Itu, Capivari, Mogi-Mirim, Campinas (1836)**

	Jundiaí	Itu	Capivari	Mogi-Mirim	Campinas
<b>Produção total (t)</b>	2.420	2.357	1.118	749	1.708
<b>Produtores (com e sem escravos)</b>	537	481	68	110	59
<b>Produção média por produtor (t)</b>	4,5	4,9	16,4	6,8	28,9
<b>Valor total da produção (mil-réis)</b>	51.247	49.906	23.664	15.860	36.165
<b>Produtores (com escravos)</b>	186	248	50	30	22
<b>Escravaria total dos produtores</b>	2.001	3.317	966	173	432
<b>Escravaria média por produtor</b>	11	13	19	6	20

*Fonte: Luna; Klein, 2005, pp. 131-32.*

Campinas e de Itu parece contribuir para a construção de uma explicação. Trata-se da correlação entre as produções de açúcar e milho numa mesma propriedade. Em média, enquanto em Itu uma arroba de açúcar produzida correspondia a 0,81 alqueires de milho, em Campinas esse valor era de apenas 0,59. Num primeiro momento, cogitou-se a possibilidade de se tratar de uma diferença circunstancial, mas a coincidência



## **Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso**

perfeita entre as cifras do feijão enfraqueceu essa possibilidade: 0,11 alqueires para cada arroba de açúcar, em ambas as vilas para os anos de 1836.

A partir desses dados, pode-se inferir que nas duas vilas a produção de feijão fora majoritariamente destinada ao consumo doméstico – quando muito à comercialização nas fronteiras da própria vila –, mas um volume maior da produção ituana de milho parecia destinar-se ao mercado paulista. Ao que indicam os dados, o gênero desempenhou, em Itu mais do que em Campinas, um papel mais ativo na composição das receitas dos proprietários em posse de mais de 30 escravos. Por outro lado, os senhores de Campinas acabaram por alocar mais do tempo de trabalho de seus escravos na produção de açúcar e de milho. Essa inferência ganha ainda mais força quando se compara os dados de aproveitamento da mão de obra. Em média, enquanto em Itu um escravo em idade produtiva ideal<sup>9</sup> produzia 32,86 arrobas de açúcar, em Campinas essa cifra era de 58,48 (1,78 vezes mais).

A segunda variável levantada por este trabalho para compreender a especificidade de Campinas frente à vila de Itu encontra-se na tese proposta por Alencastro (2000). Em dado momento, o autor questiona-se:

Qual o volume da cachaça exportada para a África? ‘A maior parte da carga das embarcações que navegam para a Costa da África a buscar escravos, e se gast por eles e pela plebe do Brasil em lugar das [aguardentes] do reino’, escrevia Rocha Pitta no início do século XVIII, notando ainda que o número dos navios partindo do Brasil para o litoral africano se aproximava da centena, quase tanto quanto a frota de navios maiores zarpando todos os anos para o Reino. [...] A partir dessa época, a cachaça representa o **elemento-chave do trato brasileiro em Angola**. [...] José Curto calcula que o trato de jeribita serviu para adquirir **25% dos escravos exportados** da África Central para a América portuguesa entre 1710 e 1830 (ALENCASTRO, 2000, p. 322-23, grifos nossos).

De acordo com essa tese, a aguardente teria sido a moeda de troca por excelência do tráfico de escravos estabelecido entre os portos de Luanda e do Rio de Janeiro. A partir dela, infere-se que, a nível local, a necessidade crescente por mão de obra africana teria levado os produtores do Quadrilátero do Açúcar a intensificar sua produção e exportação de aguardente.

---

<sup>9</sup> Para o escravo empregado na lavoura canavieira, seguiu-se a tipologia que Marcelo Magalhães Godoy (2004) aplicou ao caso mineiro: 15-59 anos. O autor ainda separa este intervalo no que denomina “idade produtiva I”, que vai dos 15-44, e “idade produtiva II”, que vai dos 45-59. Contudo, optou-se por considerá-las conjuntamente em vista da dificuldade de se lhes atribuir rendimentos diferenciados.



## **Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso**

De fato, em relação a Itu, o volume do tráfico de escravos parecia ser mais intenso em direção a Campinas, pois as taxas médias de africanidade de suas escravarias eram de 75,55%, enquanto em Itu era de apenas 42,14%. Acredita-se que esse afluxo mais intenso de escravos em direção a Campinas acabou por intensificar a produção de aguardente. Apenas dois senhores ituanos (11,11% dos 18 sujeitos considerados), Fernando Dias Paes e o Alferes Antônio Galvão, foram arrolados como tendo produzido aguardente, em contraposição a 13 campineiros (30,95% dos 42 considerados). As médias também diferem: 200 e 272,31 canadas por produtor, respectivamente.

Ainda que se questione a verossimilhança dos dados produtivos fornecidos pelas LNH<sup>10</sup>, um breve cruzamento de fontes contribui para reiterar essa inferência. De acordo com os Registros da Barreira de Cubatão, por exemplo, no ano financeiro de 1839-40, Itu exportou 1.238 barris e 19.354 medidas de aguardente, totalizando 68 passagens pela barreira. Em Campinas, porém, apenas 60 passagens totalizaram 1.974 e 25.750.

A terceira variável encontra-se na tese proposta por Bacellar (1997). Nas palavras do autor,

Poucos eram [...] os senhores de engenho que possuíam mais do que uma propriedade fundiária. No mais das vezes, dispunham exclusivamente das terras onde se localizavam as máquinas de seu engenho, seus canaviais, suas matas fornecedoras de lenha e sua residência, além de uma casa na vila. **Alguns poucos, mais abastados, possuíam uma segunda propriedade rural**, que poderia ser vizinha e próxima da primeira, e assim atuar de forma complementar (pasto, lenha, canaviais), ou afastada, funcionando como um segundo engenho ou à espera de benfeitorias e, geralmente, mais próxima à Frente Pioneira (Bacellar, 1997, p. 45, grifos nossos).

De acordo com essa tese, ainda que uma vila do Oeste Paulista apresentasse um parque industrial desenvolvido, poucos eram os produtores com capital suficiente para custear mais de uma propriedade rural. Itu parece ter seguido esse padrão, visto que dentre as 18 propriedades consideradas, apenas duas (11,11%) eram de senhores com mais de uma propriedade. Em Campinas, porém, contabilizou-se 16 (38,10% das 42 consideradas).

---

<sup>10</sup> Para uma discussão acerca das Listas Nominativas de Habitantes, ver BACELLAR, Carlos de A. P. Arrolando os habitantes no passado: as listas nominativas sob um olhar crítico. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 14, n. 1, 2008. BACELLAR, Carlos de A. P. As listas nominativas da capitania de São Paulo sob um olhar crítico (1765-1836). *Anais de História de Além-Mar*. Vol. XVI: 313-338, 2015.



## **Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso**

Dentre esses 16 produtores, ao menos três eram absenteístas, moradores em São Paulo. O Coronel Francisco Antônio de Sousa Queirós e Vicente de Sousa Queirós, Barão de Limeira, eram ambos filhos do Brigadeiro Luís Antônio de Sousa Queirós, que chegou a possuir seis propriedades em Campinas durante seu último quinquênio de vida. Algumas das propriedades herdadas pela viúva do brigadeiro acabaram ficando em posse de seu segundo marido, o Doutor José da Costa Carvalho. Francisco Antônio, Vicente e José eram, portanto, membros da mesma família, que desde 1798 possuía vastas extensões de terras em Campinas.

Mais três pertenciam a três das famílias mais importantes de Campinas. Maria da Lapa e Sousa era irmã do Coronel Francisco Egídio de Sousa Aranha, talvez o primeiro produtor campineiro a levar adiante um empreendimento cafeeiro com vistas a exportar seu produto. O Comendador Antônio Manoel Teixeira e o Capitão-Mor Floriano de Camargo Penteado pertenciam, respectivamente, às duas famílias mais importantes da vida pública da Campinas da primeira metade do século XIX.

Ambos os padrões – de proprietários absenteístas e de membros de famílias importantes – poderiam ser encontrados em outras vilas do Quadrilátero do Açúcar. Entretanto, não o eram. Apesar da presença de uma elite açucareira consolidada em Itu, por exemplo, foi encontrado apenas um administrador na Lista de 1836 da vila. Sobre o absenteísmo, Itu e Campinas acabam por constituir faces de uma mesma moeda. Enquanto esta recebeu muitos imigrantes de outras paragens, aquela assistiu a um êxodo de muitos filhos em busca de novas terras e oportunidades. Nas palavras de Bacellar, para “ganhar a vida” (BACELLAR, 1997, p. 124).

Essas três variáveis não apenas reforçam a hipótese da especificidade da indústria açucareira de Campinas no contexto do Quadrilátero do Açúcar, mas apontam para o caráter dessa mesma especificidade. Ao que indicam os dados, não se trata de uma economia escravista *sui generis*. Pelo contrário, tanto a de Itu quando a de Campinas compartilhavam elementos básicos em suas estruturas, tais como a média de idade dos escravos e a policultura. A especificidade campineira no decorrer da primeira metade do século XIX refere-se, assim, a uma economia escravista com dimensões em escala aumentada e cujo tempo de trabalho da mão de obra encontra-se alocado em maior grau na produção de gêneros estratégicos à fronteira mercantil de artigos tropicais.



**Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No  
Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso**

## **5. Referências Bibliográficas**

### **5.1 Fontes**

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO [APESP], Maços de População, Vila de Itu, 1836, São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Repositório Digital. Disponível em [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/macoss\\_populacao/027\\_013.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/macoss_populacao/027_013.pdf). Acesso em: 05/01/2018.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO [APESP], Maços de População, Vila de Itu, 1836: Caixa de n.º 86.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO [APESP], Livro de Registros da Barreira de Cubatão, 1836-1877: Latas C01800-C01843.

### **5.2 Referências Bibliográficas**

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANDREONI, João Antônio (André João Antonil). *Cultura e opulência do Brasil: por suas drogas e minas, com várias notícias curiosas do modo de fazer o assucar, plantar e beneficiar o tabaco, tirar ouro das minas e descobrir as da prata*. Coleção "Roteiro do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

BACELLAR, Carlos de A. P. *Os senhores da terra: Família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do Oeste Paulista, 1765-1855*. Campinas: Centro de Memória/Unicamp, 1997.

BACELLAR, Carlos de A. P. Arrolando os habitantes no passado: as listas nominativas sob um olhar crítico. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 14, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/55.pdf>>. Acesso em: 10/03/2018.

BACELLAR, Carlos de A. P. As listas nominativas da capitania de São Paulo sob um olhar crítico (1765-1836). *Anais de História de Além-Mar*. Vol. XVI: 313–338, 2015. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/19813>>. Acesso em: 10/03/2018.

GODOY, Marcelo Magalhães. “Fazendas diversificadas, escravos polivalentes – caracterização sócio-demográfica e ocupacional dos trabalhadores cativos em unidades produtivas com atividades agroaçucareiras de Minas Gerais no século XIX”. In: *Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Caxambú, 20-24 de setembro de 2004.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. *Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, de 1750 a 1850*. São Paulo: Edusp, 2006.

MONT-SERRATH, Pablo Oller. *Dilemas e conflitos na São Paulo restaurada: Formação e consolidação da Agricultura Exportadora (1765-1802)*. Dissertação



**Apontamentos A Respeito Da Especificidade Da Indústria Açucareira De Campinas No  
Contexto Do Quadrilátero Do Açúcar – Carlos Eduardo Nicolette e Felipe Rodrigues Alfonso**

(Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em:  
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-26022008-131516/pt-br.php>>. Acesso em: 15/03/2018.

MÜLLER, Daniel Pedro. *Ensaio d'um quadro estatístico da Província de S. Paulo, ordenado pelas leis provinciais de 11 de abril de 1836 e 10 de março de 1837*, [3.<sup>a</sup> ed. fac.], São Paulo, Governo do Estado, 1978.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *A lavoura canavieira em São Paulo: Expansão e declínio (1765-1851)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 23<sup>a</sup> edição. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PUPPO, Celso Maria de Mello. *Campinas, município no Império: fundação e constituição, usos familiares, a morada, sesmarias, engenhos e fazendas*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1963.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo. *A formação das famílias livres: Campinas, 1774-1850*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo. Padrões Demográficos da população em Campinas, 1765-1830. *Anais do XVII Encontro Regional de História – ANPUH/SP*. Campinas, 2004. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20XIX/Paulo%20Eduardo%20Teixeira.pdf>>. Acesso em: 15/03/2018.